



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Implicações éticas do batismo a partir de uma visão luterana

Baptism ethical implications since a Lutheran view

Jefferson Zeferino*

Resumo

Este artigo trata da compreensão luterana de batismo, do seu entendimento enquanto um sacramento e da sua relação com a ética. Analisamos textos de Lutero, Melancton, Mário Tessemann, a “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação” da IECLB com a CNBB, e o texto “Nossa fé – nossa vida”. Como resultado, entendemos que o proveito do batismo se dá fundamentado no sacramento de Deus por excelência, que é Jesus Cristo. Desta forma, o movimento de Deus em Cristo, por meio do Espírito, move também o cristão à ética doacional.

Palavras-chave

Batismo. Igreja luterana. Ética.

Abstract

This article is about the Lutheran understanding of Baptism, its dimension as a sacrament and its relations with Ethics. We analyze texts of Luther, Melancton, Mário Tessmann, the “Joint Statement regarding to the Justification Doctrine” by IECLB and CNBB, and the text “Our faith – our life”. As a result, we understand that the reality of baptism is grounded on the true sacrament of God: Jesus Christ. Therefore, the movement of God in Jesus Christ through the Holy Spirit moves the Christian into donative Ethics.

Keywords

Baptism. Lutheran Church. Ethics.

Introdução

A questão do batismo é tema de controvérsia entre distintas confissões cristãs, no entanto, aqui não entramos no mérito destas controvérsias, mas apresentamos o pensamento luterano sobre o tema. Para tanto, num primeiro momento analisamos dois escritos de Lutero. Em seguida, a contribuição de Melancton a partir da Confissão de Augsburgo e sua Apologia são analisados. Outro momento deste estudo se ocupa com o

[Texto recebido em outubro de 2015 e aceito em dezembro de 2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia. Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR. Membro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IELCB. Orientando de Clodovis Boff. Bolsista Capes. Contato: jefferson.zeferino@hotmail.com.

tema batismo tratado na “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação” da IECLB com a CNBB. O texto “Nossa fé – nossa vida” também é analisado. Ainda uma aproximação do batismo enquanto sacramento é feita a partir de Mário Tessmann. Com essas análises se pretende compreender a visão luterana sobre o batismo, notando como que ele pode ser motivação para a atuação cristã, ou seja, identificamos implicações éticas que o batismo tem para a vida do cristão. Não pretendemos exaurir o tema, trata-se, sobretudo, de uma aproximação ética do batismo na Igreja Luterana. Como resultado, compreendemos que o batismo serve de motivação para uma vida ética comprometida com a concretude da existência. Só tem proveito do batismo aquele que compreende a sua mensagem e a prática, esta mensagem evangélica contida no batismo é a pessoa de Jesus Cristo.

O Batismo em Lutero

Em virtude do espaço desta pesquisa, a análise acerca do pensamento de Lutero sobre o batismo será limitada a dois documentos: o Catecismo Maior¹ e o Catecismo Menor².

Em seu Catecismo Menor, Lutero coloca algumas perguntas norteadoras com a finalidade de explicar didaticamente acerca da importância e relevância do batismo. A primeira pergunta lançada por Lutero é sobre a essência do batismo, a qual ele responde embasado em Mateus 28.19: “o batismo não é só água, mas é a água contida no mandamento de Deus e ligada à palavra de Deus”³. Desta forma, ele intenciona, apelando à autoridade divina, legar ao batismo relevância superior a de um ritual, uma vez que o símbolo batismal se liga a autoridade da palavra de Deus, ele próprio é tornado palavra de Deus que é anunciada histórica e concretamente na vida do batizado.

Sobre a função do batismo, partindo de Marcos 16.16, Lutero argumenta que este “realiza o perdão dos pecados, livra da morte e do diabo, e dá a salvação eterna a todas as pessoas que creem no que dizem as palavras e promessas de Deus”⁴. Aqui o batismo está intimamente relacionado a fé, sendo que a partir da fé o batismo se realiza, e aí então ocorre perdão de pecados e salvação. Não por mérito da pessoa, mas entende-se que Deus é o agente da fé, do batismo, do perdão, da graça e da salvação. Da dinâmica aparentemente salvífica implicada à água no batismo, Lutero atesta que

Não é a água que faz isso, mas é a palavra de Deus unida à água e a fé que confia nesta palavra. Pois sem a palavra de Deus a água é só água e não é

¹ LUTERO, M. *Catecismo Maior*. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 2012.

² LUTERO, M. *Catecismo Menor*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

³ LUTERO, 2008, p. 17.

⁴ LUTERO, 2008, p. 17

batismo. Mas unida à palavra de Deus ela é batismo, isto é, água de vida, cheia de graça, um banho de novo nascimento no Espírito Santo⁵.

O que ele fundamenta a partir de Tito 3.4-8:

Ele nos salvou não porque fizemos alguma coisa boa, mas por causa da sua própria misericórdia. E, por meio, do Espírito Santo, ele nos purificou e nos fez nascer de novo e nos deu uma nova vida. Deus foi generoso e derramou o seu Espírito Santo sobre nós, por meio de Jesus Cristo, o nosso Salvador. E fez isso para que, pela sua graça, fiquemos livres de qualquer culpa e recebamos a vida eterna que esperamos. Esse ensino é certo⁶.

Para Lutero, é clara a relação entre fé e batismo, sendo que o segundo só assume sua real proporção e significado enquanto meio salvífico a partir de sua fundamentação no primeiro. Ainda num quarto momento Lutero questiona o significado do batismo com água, sobre isso, pautado em Romanos 6.4, ele diz que “por arrependimento diário, a velha pessoa em nós deve ser afogada e morrer com todos os pecados e maus desejos”⁷. Ele toma o exemplo do Cristo ressuscitado por Deus a partir de Romanos, como forma que dá significado ao batismo, que por sua vez serve de analogia a ressurreição de Cristo na vida do cristão. Novamente a relação do batismo com a palavra de Deus está em evidência. Destes quatro pontos apresentados acima destacam-se as profundas relações que a fé e a palavra de Deus tem com o batismo, o qual tem sua autoridade salvífica totalmente fundamentada nos dois primeiros. Enfim, o batismo só tem sentido teologicamente em virtude de seu embasamento *pístico* e bíblico em Cristo.

Outro escrito de grande importância de Lutero é o Catecismo Maior. Para Lutero, há dois sacramentos instituídos por Jesus Cristo, o Batismo e a Ceia. Ele os enxerga como pré-requisitos para o cristão ser cristão, e que sobre estes deve existir ao menos uma breve instrução. Especificamente sobre o batismo, ele é visto como meio pelo qual o cristão é integrado no cristianismo⁸.

Outra vez Lutero se fundamenta nos textos supramencionados de Mateus e Marcos para falar sobre o batismo. Destes Lutero compreende que o batismo, em primeiro lugar, é mandamento e instituição de Deus, não se podendo duvidar, portanto, que o batismo seja algo divino, não sendo invenção humana, pelo contrário, é comparado ao decálogo, ao Credo e ao Pai-Nosso, pois foram todos dados por Deus⁹. Com isso, compreende-se que a legitimação, autoridade e preciosidade do batismo se devem a sua instituição divina. Quando alguém é batizado em nome de Deus, não são pessoas que batizam, mas estando o batismo fundamentado na palavra e no mandamento de Deus, é o próprio Deus que realiza

⁵ LUTERO, 2008, p. 18.

⁶ LUTERO, 2008, p. 18.

⁷ LUTERO, 2008, p. 18.

⁸ LUTERO, 2012, p. 107.

⁹ LUTERO, 2012, p. 107.

o batismo enquanto sacramento. Este ponto Lutero sustenta em Agostinho, na compreensão de que quando palavra e elemento natural se juntam há sacramento. Justamente por isso que o batismo não pode ser visto como mero rito, mas como palavra de Deus visível¹⁰.

Para Lutero, em segundo lugar, se deve atentar para a função do batismo, que está em situar o batizado na boa-aventurança, que outra coisa não é que “entrar no Reino de Cristo e viver com ele eternamente” em razão da fé¹¹. O batismo é obra exterior, e assim o precisa ser para ser percebido e sentido pelo ser humano. De outro lado, Lutero acredita que quem rejeita o batismo ao mesmo tempo rejeita a palavra de Deus e a fé em Cristo¹².

Quanto ao proveito do batismo, num terceiro momento, se evidencia a fé como o meio pelo qual o batismo, e por consequência a palavra de Deus, é recebida, e se é recebida também implica em questões práticas¹³. A fé é a chave hermenêutica a partir da qual se deve ler o batismo. E esta fé, como supracitado, é ação. No entanto, a ação do batismo é de Deus, da qual resulta o acolhimento e resposta humana na concretude da vida. O batismo, se torna matéria a ser aprendida e vivida durante toda a existência do cristão, para que se possa aproveitar esta notícia de vida eterna, que tem início pontual na história do cristão a partir do batismo, onde ele é incorporado à comunidade cristã. O batismo está prenhe da mensagem da salvação do ser humano inteiro, não por obra própria mas por vontade de Deus acolhida na fé¹⁴.

Sobre o batismo de crianças Lutero afirma que “o fato de que o batismo de crianças agrada a Cristo está comprovado por sua própria obra, qual seja, de Deus ter santificado e concedido o Espírito Santo a muitas pessoas, que foram batizadas como crianças”. Isto também se evidencia na compreensão da Escritura e do reconhecimento de Cristo, por parte do batizado, o que não pode ocorrer aquém do Espírito Santo. Além disso, ele mostra que caso “Deus não aceitasse o batismo de crianças, a nenhuma dessas pessoas ele teria concedido o Espírito Santo, nem mesmo em parte”, por isso “até hoje, nenhuma pessoa seria cristã no mundo”¹⁵. Em virtude disso, Lutero percebe que o batismo de crianças agrada a Deus¹⁶. Porém, vale ainda ressaltar que o que faz o batismo não é a fé, mas Deus, a fé apenas recebe o batismo. Com isso a legitimidade do batismo está fundamentada, em última instância, na palavra de Deus. Neste contexto, Lutero afirma que o acreditar não é o fundamental no batismo, mas a palavra. O sacramento não é anulado pela falta de fé. Por isso também o rebatismo é rejeitado. O uso indevido dos sacramentos não deslegitima sua autoridade. Lutero exorta os que tomaram o batismo e não creram a crerem e estarem cientes

¹⁰ LUTERO, 2012, p. 108-109.

¹¹ LUTERO, 2012, p. 109.

¹² LUTERO, 2012, p. 110.

¹³ LUTERO, 2012, p. 111.

¹⁴ LUTERO, 2012, p. 112-113.

¹⁵ LUTERO, 2012, p. 113.

¹⁶ LUTERO, 2012, p. 114

de que não se fim em si mesmos, mas em Deus¹⁷. Nota-se que o abuso ou pecado contra o batismo não o pode negar, pelo contrário, o confirma, pois se o batismo em si mesmo não fosse autêntico não poderia se pecar contra ele, mas como ele é autêntico em si mesmo a partir da palavra de Deus, podem ocorrer erros diante dele¹⁸.

Sobre o significado do batismo, o que configura uma quarta questão, se vê que o passar pela água significa a morte do velho Adão para a ressurreição de um novo homem, sendo que ambos aspectos permanecem na vida cristã em toda a sua existência, mesmo entrando no Reino de Cristo, isto não significa uma mudança total de um dia para o outro, mas um processo contínuo de se livrar daquilo que é relativo ao velho Adão a fim de ir se tornando novo. Quando se continua agindo constantemente e conscientemente como o velho homem isto configura uma oposição ao batismo, e não se está aceitando-o adequadamente¹⁹.

Lutero identifica o sacramento da penitência ao batismo. Viver em penitência, significa andar no batismo, que é experimentado diariamente e ajuda a pessoa a caminhar e agir na fé. Desta forma, o batismo, que é perdão dos pecados, é presença constante na vida toda e por toda a vida do cristão²⁰.

Ao analisar o Catecismo Maior, se percebe que Lutero amplia as quatro características trabalhadas no Catecismo Menor. Assim, trata da essência, função, poder e significado do batismo. Estes, só fazem sentido a partir do mandamento de Deus e de sua palavra, que realizam o batismo o qual é acolhido pela pessoa através da fé, ou não – porém, a renúncia do batismo pelo batizado não o deslegitima.

O batismo na Confissão de Augsburgo e sua apologia

A confissão de Augsburgo é um dos principais documentos confessionais da Igreja luterana e conta com a mão forte de Melanchton em sua confecção (1530). O batismo é tratado em seu artigo nono:

Do batismo se ensina que é necessário e que por ele se oferece graça; que também se devem batizar crianças, as quais, pelo batismo, são entregues a Deus e a ele se tornam agradáveis. Por essa razão se rejeitam os anabatistas, os quais ensinam que o batismo infantil não é correto (Confissão de Augsburgo²¹).

¹⁷ LUTERO, 2012, p. 114.

¹⁸ LUTERO, 2012, p. 115.

¹⁹ LUTERO, 2012, p. 116.

²⁰ LUTERO, 2012, p. 117-118.

²¹ CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Disponível em: <http://luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>. Acesso em: 01/06/2014.

Melanchton está em consonância com os catecismos aqui analisados, ao salientar a importância do batismo enquanto instituição divina, e que deve também ser oferecido às crianças. O texto da confissão de Augsburgo foi lido também pela Igreja católica, a qual na *Confutatio* (1530), avalia as teses da confissão. Porém quanto ao artigo nono a resposta católica diz que “a respeito do batismo, a saber que é necessário para a salvação e que crianças devem ser batizadas. É aprovado e aceito. E com acerto condenam os anabatistas”²². Mesmo com a consonância neste aspecto, Melanchton acaba sendo também o grande responsável pela *Apologia da Confissão de Augsburgo*, documento em resposta a *Confutatio*. Sobre o batismo ele escreve:

Foi aprovado o artigo nono, no qual confessamos que o batismo é necessário para a salvação, que a infância deve ser batizada e que não é nulo o batismo infantil, senão necessário e eficaz para a salvação. E, como entre nós se ensina o evangelho pura e diligentemente, por favor divino recebemos disso também este fruto: nenhuns anabatistas apareceram em nossas igrejas, por que pela palavra de Deus foi o povo defendido contra a facção ímpia e sediciosa desses salteadores. E, como condenamos muitos outros erros dos anabatistas, também condenamos isso de sustentarem que é inútil o batismo dos pequeninos. Pois é certíssimo que a promessa de salvação pertence também aos pequeninos. Não pertence, todavia aos que estão fora da igreja de Cristo, onde não há palavra nem sacramentos, porque Cristo regenera mediante a palavra e os sacramentos. É necessário, por conseguinte, batizar as criancinhas, a fim de que lhes seja aplicada a promessa da salvação, segundo a ordem de Cristo: “Batizai todas as nações”. Assim como a todos é oferecida a salvação, assim a todos se oferece o batismo: a homens, mulheres, crianças, infantes. Segue-se, portanto, claramente, que crianças devem ser batizadas. Porque com o batismo é oferecida a salvação. Em segundo lugar, é manifesto que Deus aprova o batismo dos pequeninos. Logo, julgam impiamente os anabatistas, que condenam o batismo dos pequeninos. Que Deus, entretanto, aprova o batismo dos pequeninos, demonstra-se com o fato de ele dar o Espírito Santo aos assim batizados. Fosse nulo esse batismo, e a nenhum seria dado o Espírito Santo, nenhum se salvaria, não haveria, enfim, igreja. Esta só razão já pode confirmar suficientemente corações bons e piedosos contra as opiniões ímpias e fanáticas dos anabatistas²³.

Assim, fica evidente a consonância acerca do batismo entre Melanchton e Lutero, bem como entre católicos e luteranos, além da reafirmada dissonância com os anabatistas, especialmente no que diz respeito ao batismo de crianças. Recupera-se aqui, a elaboração de Lutero, a saber: crianças batizadas se tornaram adultos cristãos, reconhecendo a Cristo e a palavra de Deus, o que só pode ocorrer pelo Espírito Santo, que é dado por Deus. Isto é, Deus reconhece o batismo de crianças ao enviar seu Espírito para estes cristãos batizados enquanto infantes.

²² CONFUTATIO, CR 27, coluna 105 apud LIVRO DE CONCÓRDIA, 2006, p. 187.

²³ LIVRO DE CONCÓRDIA, 2006, p.187-188.

O batismo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB

Nesta parte da análise os documentos “Nossa fé – nossa vida”²⁴, a “Declaração Conjunta sobre a doutrina da justificação”²⁵ da IECLB com a CNBB, e as contribuições de um teólogo luterano brasileiro acerca do tema sacramento em Lutero e Melancton são analisados com a finalidade de melhor compreendermos a temática do batismo, atentando às suas implicações para a vida ética cristã.

Nossa Fé – Nossa Vida

No Brasil, a Igreja luterana assume o documento “Nossa fé – nossa vida” como guia para as práticas da fé aprovado em concílio da IECLB em 2002, o qual a respeito do batismo elabora doze afirmações: 1. O batismo é realizado pois é vontade de Deus que através da graça de Cristo todos tenham vida nova. Além disso, a vida em comunidade é animada pelo Espírito que move o discipulado e ensina os cristãos a guardarem os mandamentos de Deus; 2. No batismo o cristão participa da morte e ressurreição de Cristo, sendo, pela graça, convidado a viver uma vida nova como instrumento da justiça de Deus; 3. Batiza-se com água a fim de que esta comunique o lavar que o Espírito promove como regeneração, se morre para o pecado e se vive vida nova; 4. Crianças e adultos podem ser batizados seja na Igreja durante o culto, mas também em outros lugares, mas sempre em comunidade; 5. Pastores e pastoras estão aptas a batizar, porém em casos emergenciais qualquer cristão pode fazê-lo; 6. O batismo ocorre, em comunidade, e em nome de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, com imposição de mãos e água simples; 7. Cristãos batizados e que possam auxiliar a criança em sua instrução podem ser padrinhos e madrinhas; 8. Mãe, pai, madrinhas e padrinhos devem instruir a criança no caminho evangélico através de seu testemunho pessoal; 9. Deve haver um diálogo pré-batismal com pais e padrinhos a fim de conscientizá-los de sua missão com a criança; 10. Os pais são abençoados no batismo da criança para que possam desempenhar bem suas funções; 11. A realização do batismo pode ser negada pela comunidade (pastores e presbitério) quando os solicitantes pretendem o batismo apenas por costume e não por fé; 12. Como o batismo depende da fidelidade de Deus e não do ser humano ele não pode ser repetido, cabe ao homem acolher o batismo em fé e amor²⁶.

²⁴ NOSSA FÉ – NOSSA VIDA: guia da vida comunitária na IECLB. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2002. [Doravante: Nossa fé – nossa vida].

²⁵ DECLARAÇÃO CONJUNTA SOBRE A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO, 1999. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/declaracao-conjunta-sobre-a-doutrina-da-justificacao-1999>. Acesso em: 20/05/2014. [Doravante: Declaração Conjunta].

²⁶ NOSSA FÉ – NOSSA VIDA, 2002, p. 19-23.

Estes doze aspectos conduzem para a compreensão de que a IECLB está em continuidade com Lutero e com a *Confissão de Augsburgo*, ao centrar a importância do batismo no próprio Deus, e ver a fé como aquela que acolhe o mandamento de Deus presente no sacramento, mas não o realiza. Também o batismo de crianças é recebido, neste aspecto, a atenção especial dada aos pais e padrinhos merece destaque, pois ao levar a criança ao batismo se assume uma tarefa teológica, de instrução da criança a partir da fé vivida concretamente.

Declaração conjunta entre IECLB e CNBB sobre a doutrina da justificação

Em uma perspectiva ecumênica foi elaborada uma declaração conjunta entre IECLB e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) acerca da doutrina da justificação. Neste documento o batismo é mencionado nos artigos 11, 25, 27, 28, 29, 30, e no Anexo 2 B. Segue abaixo uma análise de cada um desses momentos.

No artigo 11, a justificação é vista como perdão dos pecados, entrada na comunhão cristã e recebimento do Espírito Santo no batismo, o que é ação de Deus somente, através de Cristo. Em consonância, o artigo 25 mostra que a salvação é dada ao pecador, pelo Espírito Santo, no batismo que fundamenta a vida cristã como um todo. Já no artigo 27, o batismo é apresentado como meio da justificação, pois é momento no qual a palavra de Deus é anunciada. E no artigo 28, o batismo se torna meio da integração do cristão com Cristo, porém isto não exime a pessoa da constante dependência da graça e amor de Cristo, e deve retornar diariamente ao batismo, já que na concepção luterana se é, ao mesmo tempo, pecador e justificado, como mostra o artigo 29. O artigo 30 referindo-se a fé católica, mostra que apesar do batismo ser perdão de pecados, permanece uma inclinação ao pecado no ser humano, o que é retomado no Anexo 2B, o qual também salienta ser consenso entre católicos e luteranos a existência no ser humano de uma tendência a oposição a Deus, desta forma, a salvação que é recebida através do batismo requer constante luta contra a oposição a Deus²⁷.

Também nesta declaração se reconhece o batismo como ato de Deus, o qual implica irremediavelmente numa conduta cristã adequada a situação do ser humano enquanto batizado. Vale salientar a relação entre o batismo e a justificação, uma vez que bebem juntos da fundamentação em Jesus Cristo, sua graça, amor e seu testemunho na palavra de Deus.

²⁷ DECLARAÇÃO CONJUNTA, 1999.

O batismo enquanto sacramento

Apesar de não ter caráter oficial na IECLB, a obra “O Espírito Santo, o Evangelho e o Batismo: abordagens na perspectiva da Missão”, escrito por importantes teólogos da corrente luterana conhecida como Movimento Encontro, merece ser mencionada aqui, especialmente o texto escrito por Mário Tessmann²⁸, que analisa o batismo enquanto sacramento, retomando as posições de Lutero e Melanchton.

Para Tessmann, em suma, sacramento nada mais é do que o próprio Jesus Cristo, sendo que sacramento é a tradução latina do grego *mysterion*, que configura uma referência a pessoa de Jesus. Ele é o mistério de Deus para a salvação da humanidade, o sacramento da salvação que é atualizado pelo Espírito e acolhido pela fé. Nota-se que a referência aos meios da graça (batismo e ceia) como sacramentos ocorre a partir de Agostinho, os quais têm a função de apontar que Cristo está presente²⁹.

Em Lutero, o *solus Christus* precisa ser visto na base da compreensão de sacramento, uma vez que o próprio Cristo é em si o único e verdadeiro sacramento, porém ele também vê que no batismo e na ceia, que em seu período já eram tidos como sacramentos entre outros, há perdão de pecados e sinal instituído por Deus, daí o reconhecimento de Lutero destes dois ritos como sacramentos, a partir de Cristo. Estes são aceitos pela fé, a qual constitui um papel importante na prática do sacramento, a qual se fia na promessa divina de perdão dos pecados. Com isso, através de Cristo, que é a condescendência de Deus, o sacramento assume caráter de testemunho do amor, misericórdia e compaixão de Deus³⁰.

Sobre a compreensão de Melanchton, Tessmann diz que ela se configura em dois pontos principais, promessa e sinal – ambos fundamentados novamente na ideia de Cristo enquanto sacramento. A função do rito sacramental é apontar para o sacramento por excelência, despertando e fortalecendo a fé daqueles o recebem a partir desta mesma fé. Com isso, salienta, na mesma linha de Lutero, a importância da fé para o proveito do sacramento³¹.

Numa leitura conclusiva acerca das posições luteranas acerca do sacramento, Tessmann afirma que quando há promessa de graça e mandamento divino é que um rito pode ter caráter sacramental, este é o núcleo da doutrina do sacramento, que não está acabada em si, mas a cada nova geração de cristãos, a partir de suas culturas e mais diversos

²⁸ TESSMANN, M. O sacramento – uma tentativa de compreensão. In: WEINGAERTNER, M. (Org.). *O Espírito Santo, o Evangelho e o Batismo: abordagens na perspectiva da Missão*. Curitiba: Encontro, 2006.

²⁹ TESSMANN, 2006, p. 116-118.

³⁰ TESSMANN, 2006, p. 118-121.

³¹ TESSMANN, 2006, p. 121-123.

contextos, devem pensar o tema do sacramento adiante, atualizando sua mensagem de forma adequada³².

Implicações para a ética cristã

Neste momento reunimos algumas afirmações centrais³³ dos textos acima analisados³⁴ e, no horizonte da ética, os comentamos brevemente.

Da elaboração de Lutero destacamos as seguintes formulações:

- **Deus é o agente da fé, do batismo, do perdão, da graça e da salvação.** Deus é o que fundamenta o batismo, o sacramento e a ética, a ação humana é, portanto, sempre resposta à ação de Deus.
- **batismo só tem sentido teologicamente em virtude de seu embasamento *pístico* e bíblico em Cristo.** O sentido do batismo é Jesus Cristo, isto pode ser visto de duas formas: 1. Ele dá um sentido fim, enquanto horizonte para o qual se ruma, e aí embasa todo o movimento ético do cristão neste caminho; 2. Ele é sentido começo, isto é, é aquilo que motiva e está na origem de todo o pensamento, de toda fé e de todo agir cristão.
- **batismo é meio pelo qual o cristão é integrado no cristianismo.** A fé cristã é vivida e concretizada sempre em comunidade. Desta forma, podemos falar da ética cristã no sentido pessoal, mas, sobretudo, no sentido comunitário. A comunidade cristã enquanto comunidade de batizados deve buscar agir em consonância com a mensagem pregada pelo batismo.
- **proveito do batismo está em recebê-lo a partir da fé, e se é recebida também implica em questões práticas.** Receber o batismo é agir em resposta ao amor de Deus, como supramencionado.
- **batismo é matéria a ser aprendida e vivida durante toda a existência do cristão.** Viver o batismo é refleti-lo, e refletir o batismo é pensar sua mensagem que é Jesus Cristo. Assim, viver o batismo é viver o compromisso e o relacionamento com Deus, o que se deve se dar durante toda a vida do cristão.

³² TESSMANN, 2006, p. 124-127.

³³ Todos os fragmentos aqui citados estão devidamente referenciados nas partes anteriores de nossa pesquisa.

³⁴ Excetuamos aqui a análise sobre Melancton, pois não encontramos em suas formulações algum conteúdo que destoasse ou acrescentasse qualitativamente algo às formulações de Lutero no que diz respeito à ética, também as contribuições de Tessmann não entram aqui pois também não acrescentam ou destoam do que já foi analisado nos demais autores ou documentos.

- **passar pela água significa a morte do velho Adão para a ressurreição de um novo homem, sendo que ambos aspectos permanecem na vida cristã em toda a sua existência.** O cristão vive na tensão do *simul iustus et peccator*, se é pecador mas ao mesmo tempo, por meio da justificação de Jesus Cristo, já se é justificado. Daí que o cristão precisa agir em consonância com a justificação operada por Cristo, sem jamais esquecer de sua realidade humana e de sua constante luta contra o pecado.

Da elaboração do “Nossa fé – nossa vida”, destacamos os seguintes aspectos:

- **No batismo o cristão participa da morte e ressurreição de Cristo, sendo, pela graça, convidado a viver uma vida nova como instrumento da justiça de Deus.** Em continuidade com o último aspecto acima citado de Lutero, esta formulação traz a ênfase o ser instrumento da justiça de Deus. Ora, ser cristão é relacionar-se com Deus, assim, movido pelo Espírito Santo e consciente do Evangelho é que o crente pode ser testemunha e instrumento da justiça de Deus.
- **Mãe, pai, madrinhas e padrinhos devem instruir a criança no caminho evangélico através de seu testemunho pessoal.** O batismo de infantes, sobretudo, traz consigo uma tarefa ética bastante específica: a instrução na fé por meio do testemunho. Vale lembrar que em meios luteranos também a comunidade é convocada a assumir responsabilidade para com o batizado. Isto é, toda vez que alguém é batizado não somente ela é chamada a viver em novidade de vida, mas toda a comunidade é lembrada de sua fé e de sua missão.

Da Declaração conjunta:

- **A existência no ser humano de uma tendência a oposição a Deus, desta forma, a salvação que é recebida através do batismo requer constante luta contra a oposição a Deus.** A questão do pecado, supracitada, é aqui compreendida como oposição a Deus. Dito de outra maneira, o pecado é a tentativa constante de emancipação de Deus, ou ainda, tendência a querer tomar o lugar de Deus. Jesus Cristo é a mensagem que faz com que o ser humano mude radicalmente sua natural tendência de voltar-se a si mesmo – *homo incurvatus in se* – para aprender a voltar-se em direção ao próximo, como que em ato mimético ao ato kenótico – *kenosis*, esvaziamento de si, doação total de si (Fp 2.7) – do próprio Cristo.

Até aqui a análise das principais contribuições dos textos analisados lidos no horizonte da ética.

Considerações finais

O batismo enquanto rito sacramental fundamentado no mistério de Deus, que é Jesus Cristo, e acolhido pelo cristão na fé, não pode ser um fim em si mesmo, muito pelo contrário deve ser impulso contínuo na vida cristã, experimentado de forma concreta.

Nesse sentido vale lembrar a conceituação de fé de Lutero presente em seu prefácio aos Romanos, onde ele diz que:

A fé é algo vivo, ativo, atuante e poderoso, de modo que se torna impossível que não produza incessantemente o bem. Ela tampouco pergunta se há boas obras a fazer, mas antes que se pergunte ela as realizou e sempre está agindo. Quem, porém, não realiza essas obras é uma pessoa sem fé, tropeça e tateia em busca da fé e das boas obras, não sabendo nem o que é fé nem o que são boas obras³⁵.

E sobre Tiago 2.26 Lutero diz:

Quando as obras não são consequentes, isso constitui um sinal seguro de que não existe fé, mas apenas um pensamento e devaneio morto, ao qual denominam falsamente de fé. Que não se diga: sim, agora vou crer – e se tenha uma presunção e se fabrique uma quimera imaginária que boia sozinha sobre o coração como a espuma boia no copo de cerveja³⁶.

Lutero intenciona ultrapassar os problemas oriundos da tensão entre fé e obras, levando em consideração que elas estão tão intimamente relacionadas e que ocorrem simultaneamente. A fé em Lutero, não se trata de algo apenas conceitual, do mundo das ideias, muito além disso a fé só é fé a partir de sua encarnação na vida prática, em que assume sua dimensão ética e produz o bem. A questão aqui não são fé e obras, mas fé operante e obras da fé. As práticas não podem estar desvinculadas da fé, e a fé não pode ser inoperante. Também se pode dizer que não se trata apenas de um *ora et labora*, mas de uma *oração laborante* e um *labor orante*.

Neste sentido, do livro do batismo, publicado pela IECLB e escrito por Nelson Kirst, vale lembrar a seguinte formulação:

O batismo não é um ponto de chegada, o coroamento de uma trajetória de êxitos, conquistas ou avanços. Ao contrário, é um ponto de partida, um presente que vai sendo desdobrado e vivenciado, na tensão do já e ainda não, da existência simultaneamente justa e pecadora, numa vida de fé que se empenha e anseia pela realização definitiva do Reino de Deus³⁷.

³⁵ LUTERO apud GRÜNZWEIG, F. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2008, p. 65.

³⁶ LUTERO apud GRÜNZWEIG, 2008, p. 65.

³⁷ KIRST, N. *Livro de Batismo*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 13.

A existência cristã não pode ocorrer abstraída da intensa encarnação de Cristo: Deus que se fez homem e viveu concretamente em ações e palavras transformadoras e libertadoras. A inegável opção de Deus pela salvação do homem se deu concretamente na história, e o batismo tem o poder de comunicar isso ao cristão, o qual não pode ficar estante diante da mensagem apontada pelo sacramento.

O proveito do batismo está fundamentado em Jesus Cristo que, sendo movimento de Deus para a salvação da humanidade, move o cristão na direção do próximo. Desta forma, se compreende que o batismo, enquanto anúncio de perdão dos pecados e mandamento de Deus em Jesus Cristo, não aponta somente para Deus, mas também para a realização e proveito do batismo que se dá no relacionamento com o próximo. A descoberta do outro enquanto alteridade permite ao cristão se desenvolver enquanto ser humano e viver a fé em sua dimensão excelsa. Enfim, o grande mistério e movimento de Deus – Jesus Cristo – é o que dá sentido à ética cristã, que deve sempre ser uma ética doacional, pois está fundada no Deus que se doa em amor desde a criação e de forma última em Cristo.

Referências

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Disponível em:

<http://luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>. Acesso em: 01/06/2014.

DECLARAÇÃO CONJUNTA SOBRE A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO – 1999.

Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/declaracao-conjunta-sobre-a-doutrina-da-justificacao-1999>. Acesso em: 20/05/2014.

GRÜNZWEIG, F. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2008.

KIRST, N. *Livro de Batismo*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

LIVRO DE CONCÓRDIA. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

LUTERO, M. *Catecismo Maior*. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 2012.

_____. *Catecismo Menor*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

NOSSA FÉ – NOSSA VIDA: guia da vida comunitária na IECLB. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

TESSMANN, M. O sacramento – uma tentativa de compreensão. In: WEINGAERTNER, M. (Org.). *O Espírito Santo, o Evangelho e o Batismo: abordagens na perspectiva da Missão*. Curitiba: Encontro, 2006, p. 115-132.